

Seleção ganha como time, encontra soluções e cria nova referência para Tite



O título de um time.

Seria um clichê óbvio se o Brasil não convivesse há anos com a questão da dependência de Neymar. Este texto não tem a menor pretensão de cometer loucuras e afirmar que a Seleção é melhor sem seu melhor jogador, apenas ressalta a beleza de outro tipo de conquista.

Tite tornou-se um dos mais vitoriosos

técnicos do país comandando grupos coesos e pouco estelares. O corte do craque lesionado desenhou pela primeira vez esse cenário na Seleção.

Na final contra o Peru, o Brasil foi resultado de construções mais antigas e sólidas, como seu setor defensivo, e outras recentes, formadas até mesmo durante a Copa América. O mais

claro exemplo é o bom funcionamento do lado direito depois da entrada de Gabriel Jesus, e seu entendimento com Daniel Alves, eleito com absoluta justiça o melhor jogador do torneio.

Na boa partida de futebol disputada no Maracanã, a Seleção foi mais time do que nunca. Com menos de um minuto, Fernandinho se levantou do banco para

reclamar falta em Arthur. Os reservas se irritaram com o árbitro Roberto Tobar, ajudaram Tite a passar orientações e invadiram o campo para comemorar cada gol do título.

O Peru usou estratégias outrora brasileiras para incomodar. Abusou de triangulações pelos lados e ousou ser muito forte na marcação. Faltou aos adversários a força mental que Tite tanto cobra de seus atletas. Em mais uma combinação pela direita, a Seleção teve o passe longo de Daniel Alves, o drible de Gabriel Jesus e a precisão de Everton para abrir o placar.

Numa dessas envolventes trocas de passes peruanas, a mão bateu no braço de Thiago Silva dentro da área. Guerrero bateu o pênalti e empatou. Mas a resposta foi rápida e puramente coletiva: o

centroavante (Firmino) roubou a bola, o volante (Arthur) conduziu e deu a assistência para Gabriel Jesus marcar seu 18º gol pela Seleção.

Aliás, as entradas dele e de Cebolinha como titulares a partir da terceira rodada foram obviamente decisivas para o título. A materialização da lição que Tite diz ter aprendido da Copa do Mundo, de mudanças mais rápidas. Então, que o futebol brasileiro aprenda a lição de não rifar jogadores antes da hora. Aos 21 anos, Gabriel Jesus terminou a Copa do Mundo execrando pela falta de gols. Aos 22, conquistou a Copa América como destaque ofensivo, com gols e assistências. A tendência é que os 23 ofereçam mais, e assim por diante.

O Brasil voltou para o segundo tempo com ajustes na criação. Arthur passou a buscar

a bola mais recuado, próximo dos zagueiros, e Coutinho, posicionado de maneira diferente, conseguiu receber mais de frente para o campo peruano. Antes, de costas, esteve em frequente desvantagem diante da marcação do volante Tápia.

Arrancando, abrindo campo, Coutinho teve dois bons momentos em que pecou pela decisão errada. Em vez de tocar para Gabriel Jesus, no primeiro lance tentou a finalização e foi bloqueado, e no segundo acabou adiantando demais a bola.

A expulsão injusta de Jesus fortaleceu o Peru. Tite respondeu com Militão no lugar de Coutinho. Time. Um jogador estreou na Copa América na final para ajudar a equipe a se defender e não passar sufofo. Deu certo.

O pênalti cobra-

do por Richarlison sacramentou uma conquista solidária. Ele foi o oitavo jogador diferente a marcar no torneio. Há 10 dias estava isolado num quarto, com caxumba.

Há um simbolismo em vencer de maneira categórica mesmo sem Neymar. Não há dúvida de que se trata do mais talentoso futebolista brasileiro em atividade, mas há dúvidas sobre como esse repertório já foi mais útil ao jogo coletivo da Seleção do que recentemente.

Além da ausência frequente por lesões, o atacante tem prestado mais serviços a si mesmo do que à equipe. Tite não perde uma chance sequer de colocar Neymar entre os três melhores do mundo, mas sua referência de funcionamento de equipe agora passa a ser outra. A da Copa América, com espaço para que todos brilhem.

Vim, falei e venci: eleita a melhor da Copa, Megan Rapinoe eterniza seu futebol e sua voz

São duas personalidades que convivem bem em uma só personagem. Ora um olhar sério e profundo para tocar em feridas como poucos atletas se arriscam. Ora um sorriso largo que aproxima seu discurso com a de tantas outras pessoas. Megan Rapinoe foi mais do que a melhor jogadora da Copa do Mundo de 2019. E será lembrada tanto pelo que fez em campo quanto pelo que falou fora dele.

Foi capitã da conquista do quarto título mundial dos Estados Unidos sem cantar um verso sequer do hino americano. Foi a forma que escolheu para protestar contra o atual governo de seu país.

E não foi só

através do silêncio que questionou. Ainda antes das quartas de final, afirmou que não iria para a "p... da Casa Branca" em caso de título (e pediu desculpas somente pelo palavrão). Ouviu então do presidente Trump que deveria vencer antes de falar, além de terminar seu trabalho.

Rapinoe terminou o serviço, com troféus individuais, o título e um gol na decisão.

Não foi somente nesta Copa. Já faz um tempo que Megan Rapinoe se tornou uma ativista. Casada com a estrela da WNBA, Sue Bird, ela disse por algumas vezes que, como uma americana gay, não se sentia representada por sua bandeira atualmente. Mas seu barulho tam-

bém foi além do âmbito político dos Estados Unidos.

Farpas para a Fifa

Com o logo a entidade atrás de seu ombro na sala de coletiva, Megan Rapinoe criticou em várias ocasiões a postura da Fifa neste Mundial. Questionou o calendário, o trabalho de desenvolvimento, as premiações, os patrocinadores. Na última delas, foi além, citou a delicada escolha do Catar para a próxima Copa do Mundo masculina.

- Como esperar algo se vão levar uma Copa do Mundo para o Catar, mesmo com todas as questões que sabemos que existem lá? - disparou.

Rapinoe é irreverente e criou sua própria narrativa na Copa

A seriedade dos assuntos que aborda contrasta então com a irreverência que tenta trazer a cada aparição diante da imprensa nesta Copa. Faz pose, caras, bocas e piadas. Criou uma narrativa própria e mostrou que sabe entrar em assuntos polêmicos com a mesma maestria que consegue impedir que isso a atrapalhe dentro de campo.

- Megan foi construída para esses momentos. Para ser uma porta vez. Ela fala bem, fala forte. Precisamos de pessoas assim. Holofotes podem queimar pessoas. Mas, para Megan, quanto maior o holofote, mais ela brilha - analisou a técnica Jill Ellis.

Os Estados Unidos tinham acabado de eliminar a França, em Paris, pelas quartas de final. Megan Rapinoe havia marcado duas vezes, e o mundo queria ouvi-la na zona mista. Após atender parte da imprensa, o assessor americano afirmou que ela não falaria mais por ali. Mesmo assim, os jornalistas a chamaram numa tentativa final.

Ignorando a orientação, a atleta definiu suas próprias regras e continuou falando por alguns minutos. Um gesto que define a

personalidade que ela tentou mostrar ao longo do último mês.

Essa sua narrativa própria também tem características que conectam com que a escuta. Rapinoe nitidamente não gosta de clichês e frases prontas. Nos últimos 30 dias, falou o que sentia, pensava e, talvez por isso, tenha sido classificada (junto com seu time) como arrogante.

A ironia da protagonista na despedida

A quarta estrela americana não foi o único prêmio que Megan Rapinoe levará da França. Ela foi eleita a craque da Copa do Mundo de 2019.

Com um gol na decisão sobre a Holanda, a americana chegou a seis gols no torneio e também faturou, além da Bola de Ouro, a Chuteira de Ouro, prêmio dado à artilheira da competição.

Recebeu os troféus da mão do presidente da Fifa, Gianni Infantino, que havia ouvido vaias e gritos por "pagamentos iguais" minutos antes. Questionada sobre isso, se despediu da Copa com sua marca registrada.

- Um pouco de vergonha pública nunca machucou ninguém - disse, deixando o palco onde foi protagonista.

Uefa nega que Argentina vá se filiar e disputar competições na Europa

Os ataques liderados por Messi à Conmebol depois da derrota para o Brasil na semifinal da Copa América levaram a rumores de que a Argentina poderia se filiar à Uefa e disputar competições europeias. Tudo desmentido nesta segunda-feira, em comunicado oficial da entidade organizadora do futebol europeu.

- Não há nada certo na afirmação de que a Argentina pediu para participar das competições da Uefa ou que tenha so-

licitado a filiação à entidade. A Uefa nunca entrou em qualquer debate sobre isso e nunca o fará - afirmou o comunicado oficial.

A entidade aproveitou para deixar as portas abertas para a audiência argentina.

- No espírito da amizade e camaradagem, como uma organização inclusiva, a Uefa receberá a Argentina como convidado especial para assistir a qualquer competição nossa a qualquer momento - encerra o comunicado.

